

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v18i34.21069>

(SOBRE)VIVÊNCIA NA HISTÓRIA E LITERATURA: AS INTERSECÇÕES  
ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE E OS DESEJOS DE FUTURO NAS  
NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

**Elenice de Paula**

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Federal de Sergipe – PPGED-UFS

E-mail: [paulaelenice2815@gmail.com](mailto:paulaelenice2815@gmail.com)

**Resumo**

Este texto tem como objetivo levantar análises sobre o pensamento social da escritora Conceição Evaristo a partir das discussões sobre as relações de trabalho. Para isso, junto da observação das obras *Olhos D'Água* (2014), composto por 15 contos, e nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), em uma perspectiva interseccional, busco investigar como, por meio das histórias narradas, as personagens exibem cenários sociais dos quais nos auxiliam para a leitura e compreensão do mundo. De tal maneira, acredito que a discussão promovida neste texto tanto serve como basilares para destacar as contribuições da autora como pensadora social brasileira, como nos conduz para identificar possibilidade do aprimoramento da literatura no cotidiano escolar, sendo o ensino de história uma das formas possíveis para isso.

**Palavras-Chave:** Conceição Evaristo; Interseccionalidade; Letramento racial.

(SUR)EXPERIENCE IN HISTORY AND LITERATURE: THE  
INTERSECTIONS BETWEEN GENDER, RACE AND CLASS AND  
DESIRES FOR THE FUTURE IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S  
NARRATIVES

**Abstract**

This text aims to analyze the social thought of the writer Conceição Evaristo based on discussions about work relations. To this end, together with the observation of the works *Olhos*

D'Água (2014), composed of 15 short stories, and the novels Ponciá Vicêncio (2003) and Becos da Memória (2006), in an intersectional perspective, I seek to investigate how, through the stories narrated, the characters display social scenarios that help us read and understand the world. In this way, I believe that the discussion promoted in this text both serves as a basis for highlighting the author's contributions as a Brazilian social thinker and leads us to identify the possibility of improving literature in everyday school life, with the teaching of history being one of the possible ways to that.

**Keywords:** Conceição Evaristo. Intersectionality. Racial literacy.

A literatura é um desses campos que nos levantam provocações para refletir sobre o mundo. A narrativa envolve um conjunto discursivo que insiste não apenas narrar histórias, mas materializar por meio de personagens reflexões imersas ao pensamento social do/a narrador/a, das incomodações com o presente, das projeções de futuro, da tentativa de construir outros caminhos para aqueles/as personagens que muitas vezes se confundem com história reais. Ou seja, a literatura está imersa ao contexto de sua produção, nos serve como leitura de mundo e, em uma perspectiva histórica, no auxilia a compreender um contexto social, que nem sempre é apenas imaginado. Logo, o diálogo entre história e literatura abre caminhos para o entendimento do tempo, bem como nos serve como guia para desenvolver a aprendizagem histórica.

Neste texto proponho expor observações que integram parte de minha pesquisa defendida no mestrado, onde busco investigar o pensamento social de Conceição Evaristo a partir dos livros *Olhos D'Água* (2014), composto por 15 contos, e nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (1986, mas publicado em 2006). Maria da Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo) nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. De um conjunto de oito irmãos, negra e pobre, em que o pai nem sempre esteve presente, a figura do padrasto passou a diminuir essa ausência. Com a mãe e tia lavadeiras, desde cedo aprendeu as atividades domésticas, em especial o cuidar do outro. Ainda na infância, passou a trabalhar fora de casa para auxiliar no sustento da família, o que fez com que, aos oito anos, tivesse seu primeiro emprego como doméstica, e ainda, também dividia as atividades de lavagem das trouxas de roupa da família.

As obras selecionadas para a pesquisa perpassam por situações que são fáceis de serem confundidas com muitas histórias. Até mesmo as da própria autora. Diante de vasta possibilidade de análise para o entendimento do mundo exposto pelo pensamento social de Conceição Evaristo e, do entendimento de que as narrativas da autora são contribuintes para o

letramento racial crítico (Ferreira, 2015), assim como do entendimento do processo lento de reconhecimento da intelectualidade de mulheres negras (Figueiredo, 2020; Zaluski, 2020). Neste texto, busco levantar observações sobre as relações de trabalho experienciadas pelas personagens.

As relações de trabalho em que as personagens estão envoltas são expostas por Conceição Evaristo como uma forma de demonstrar parte da realidade social. A maneira como encaram a vida e quais são as alternativas constituídas em meio à intersecção gênero, raça, classe, dentre outras marcações sociais, tal como a escolaridade, faixa etária, dentre outros elementos que embasam o olhar crítico da autora, são utilizados neste texto como categorias analíticas, com o apoio teórico dos estudos da interseccionalidade. No conjunto dessas marcações, as relações de trabalho são estreitamente definidas pelas distinções de gênero, sendo para as mulheres comuns as atividades que envolvem o cuidado e limpeza. Nas obras, dada a escrevivência, o trabalho doméstico serve como embasamento para conduzir muitas histórias narradas.

Preta-Rara, na obra “Eu empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada” (2019), reúne um conjunto de narrativas postadas nas redes sociais produzidas por muitas mulheres e/ou filhas de empregadas domésticas. Por intermédio das narrativas compiladas na obra, é possível compreender parte do cotidiano das relações de trabalho encaradas por muitas empregadas domésticas. Exploração salarial, rotina de trabalho desgastante, violação de direitos, humilhação, racismo e misoginia muitas vezes reforçadas com uma pseud. - narrativa de “você é quase da família”, permeiam essas histórias que, muitas vezes, parecem se confundir com as narradas por Conceição Evaristo.

Luiz Felipe de Alencastro, em epílogo apresentado na obra *História da Vida Privada* (1997), ao estabelecer uma análise da fotografia da ama de leite com a criança de que toma conta, em Recife, por volta dos anos 1860, e que também estampa a capa da obra, afirma que, “[...] quase todo o Brasil cabe nessa foto” (Alencastro, 1997, p. 440). A Figura 12, Foto da mulher escravizada, refere-se à fotografia analisada pelo historiador, como pode ser vista a seguir.

**Figura 12:** Foto de mulher escravizada

Fonte: História da vida privada no Brasil. Vol. 2. (1997).

Em relação à mesma imagem, Consuelo Lins, no documentário *Nannies*<sup>1</sup>, de 2010, reitera as observações do historiador para dialogar sobre as relações de trabalho das babás. No caso do historiador, a observação se sobressai para investigar as configurações de trabalho no pós-abolição, principalmente o uso do trabalho das pessoas escravizadas na construção do Brasil e na configuração da vida privada, de que, em ambos os casos, a população branca se beneficiou do trabalho das pessoas escravizadas, discussão essa já aprofundada por Cida Bento (2022). No caso do documentário, a cineasta instiga a refletir sobre o tempo presente, sobre as configurações sociais e a extensão desse passado escravocrata em meio a distintas profissões e suas remunerações, em especial a de babás.

Não é cansativo repetir que Conceição Evaristo, com base nas obras selecionadas, estabelece críticas a todo o sistema escravocrata e os reflexos dele nas configurações do presente na produção de suas obras. Contudo, no que se refere às relações de trabalho desempenhadas por domésticas e babás, posso afirmar que, como um conjunto de três tempos, a autora vai delimitando seu olhar sobre os efeitos do passado escravista. Primeiro, quando Ponciá sai do povoado e exerce um trabalho exploratório principalmente pelas condições salariais. Segundo, em *Becos da Memória*, com exceção de Ditinha e Dora, que são as personagens que mais

<sup>1</sup> *Nannies*. Brazilian Full Short-Film. EN. 2010. 20min. O documentário pode ser acessado em: [https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr\\_Y3Q&t=459s](https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr_Y3Q&t=459s)

percorrem o cenário das casas das patroas, ao tratar do trabalho de mulheres, a obra possui uma centralidade na favela, sobre como as mulheres buscavam sobreviver ali, em meio às atividades de lavagem de roupa. Talvez esse olhar esteja respaldado pelo interesse da obra de explorar suas memórias e fazer a escriturização, sendo possivelmente os cenários de Dora e Ditinha parte das lembranças de suas experiências enquanto empregada doméstica, das atividades que deveria desempenhar e como se dava no cotidiano.

Em *Olhos D'água*, percebo a busca pelo trabalho doméstico como uma forma de sobreviver em meio às condições impostas, sendo que muitas mulheres desenvolvem essa atividade desde a infância, tal como a autora. Para além do trabalho doméstico, a prostituição é narrada de forma a se perceber os motivadores da prostituição e os problemas enfrentados por muitas mulheres que exercem a atividade.

Assim, analisarei neste texto as narrativas que demonstram as configurações de trabalho como forma de verificar o olhar social da autora sobre as atividades desenvolvidas por homens e mulheres. Partindo da hipótese de que as atividades narradas estão permeadas por distinções de gênero, busco destacar as observações da autora sobre o trabalho doméstico desenvolvido por muitas mulheres/personagens. Junto de *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória e*, no livro de contos *Olhos D'Água*, destaco principalmente os contos *Duzu-Querença*, *Maria e Quantos filhos Natalina teve?*, por perceber neles maior possibilidade de discussão, compreensão e de percorrer os interiores das relações de trabalho e residência das trabalhadoras.

Acredito que por meio dessas observações sejam possíveis levantar contribuições para ampliar o diálogo entre história e literatura, assim como abrir espaços de reflexão para propostas didáticas que visem utilizar, ou melhor, partir da literatura para levantar provocações para discussões no/para o ensino de história, em uma perspectiva interseccional.

### **Ponciá Vicêncio: relações de trabalho no campo e cidade**

Ponciá Vicêncio é a personagem central da obra que leva mesmo nome. Dado as fragilidades da vida no campo, foi para a cidade em busca de futuro. No que se refere à vida no vilarejo, Ponciá Vicêncio aprendeu a dominar o artesanato, como indica Conceição Evaristo, “[...] a mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. Depois

de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar” (Evaristo, 2017, p. 20). Aprendeu a fazer tanto que, junto à sua técnica, fez a estatueta de seu avô, semelhante ao ponto de gerar susto nos demais. Já com certa idade, e louco, havia morrido sem a menina poder guardar a imagem dele.

Com distinções de gênero bastante evidentes, ser menina a fez manusear o barro, a ver na mãe a figura de mulheres que atuavam de forma autônoma e tomavam decisões, como quando Conceição Evaristo materializa essa percepção na maneira como Ponciá olha a mãe e projeta o seu futuro. Com base na reflexão,

[...] quando ele chegava, **era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias**. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. **O que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa**. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, **apontava as que eram para vender e estipulava o preço. As que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai às vezes discordava de tudo**. Do que iria fazer naqueles dias de estava em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. **A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão**” (EVARISTO, 2017, p. 25) (sem grifos no original).

Assim, como uma mulher ativa nos negócios e na condução de sua vida, Ponciá Vicêncio vê a mãe como espelho a ser seguido, como a possibilidade de sonhar, de quando crescer tomar as decisões da vida e os homens a obedecerem, não como superioridade, mas porque dariam ouvidos a ela. Contudo, esse imaginário não se fez presente. No percurso de Ponciá, Conceição Evaristo intensifica o olhar sobre as exclusões sociais de muitas mulheres, tal como a personagem, desde sua trajetória ainda no vilarejo, sendo a morte do pai um fator que intervém nas decisões tomadas ao longo de sua vida. Como destaca a autora,

E numa tarde clara, **em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita**, enquanto todos entoavam cantigas ritmadas com o movimento do corpo na função do trabalho, **naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu**. Os companheiros entretidos na lida não perceberam. E só momentos depois, no meio da toada, escutaram um tom, um acento diferente. Eram os soluços do irmão de Ponciá deitado sobre o corpo do pai, que estava de bruço, emborcado no chão. **Dias, quase um mês após, foi que o menino tomou coragem de ir à casa e contar à mãe e à irmã o sucedido**. A mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. **Abraçou o menino e depois lenta e solenemente abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém**. Não perguntou nada. Sabia de tudo. Naqueles dias sonhara várias vezes com o seu homem. Só não conseguia ver o rosto dele. Ora ele estava de costas, ora o chapéu tão afundado na cabeça que chegava a lhe cobrir a face. E numa tarde, em que o tempo estava claro e quente, ela

escutou cantigas, choros e lamentos. Nos lamentos reconheceu a voz do filho (Evaristo, 2017, p.28- 29) (sem grifos no original).

A atenção atribuída às relações de trabalho permite que Conceição Evaristo, através de Ponciá, nos faça perceber os distanciamentos sociais provocados pelo sistema de trabalho. Junto à condição da manutenção das relações escravas, do afastamento do pai e do irmão das mulheres da casa por terem que sair para trabalhar, a morte do pai reflete a perda dos vínculos familiares, a ausência de poder chorar seus mortos e lhes dar uma sepultura digna, em poder se despedir, em estabelecer a conexão com os ancestrais e a espiritualidade que permeia as práticas funerárias nas manifestações culturais sobre a morte. Assim, junto à exploração no trabalho, de sol a sol, do pouco do que se ganhava com ele, do trabalho infantojuvenil dos meninos em meio à roça, outras violações são observadas. Por meio da obra de Ponciá, Conceição Evaristo nos dita como é encarado esse ritmo da vida, que assim como o pai da personagem, “[...] mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu”, tantos outros tiveram o mesmo destino.

A perda do pai levou Ponciá a encurtar a infância, não a idade, mas seus sonhos, imaginários e brincadeiras foram arrancados, pareciam ter sido sugados junto com a terra que levou o pai, lá se sabe para onde. Quando a personagem decidiu ir para a cidade, Conceição Evaristo utilizou essa pretensão para demonstrar os impactos tanto do sistema escravista ainda em vigor como da perda daqueles que são responsáveis pelo sustento da família. Como um ritmo que implica diretamente os fluxos migratórios, a autora exhibe sua insatisfação sobre aquela situação, e por meio de Ponciá anuncia,

[...] estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mão vazias. **De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidada pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores**, e depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis (Evaristo, 2017, p. 30) (sem grifos no original).

Para Conceição Evaristo, materializada em Ponciá, o trabalho na roça para as meninas se fazia mais leve, mesmo que árduo. As lembranças da menina eram de satisfação por passar o tempo ali. Contudo, com o avançar da idade, principalmente com a crítica àquela situação que fora sustentada pela exploração escravista, a autora denuncia a manutenção da escravidão e seus efeitos, assim como a continuidade da compra e venda de pessoas para alimentar o sistema, mesmo quando leis visavam impedir isso, como nas lembranças ouvidas na família, de que Vô Vicêncio, sua mulher e seus filhos haviam passado por situações discrepantes em relação ao

que impunha a lei. Conforme narrado, “[...] três ou quatro dos seus, nascido do ‘Ventre Livre’, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos” (Evaristo, 2017, p. 44).

Bento (2022) auxilia a observar o pensamento e críticas de Conceição Evaristo à escravidão e os efeitos dela em conjunto com o pacto da branquitude. A autora, ao discorrer sobre a constituição e manutenção dos vínculos que sustentaram (e ainda sustentam) o privilégio branco, destaca as ações que visavam libertar as pessoas escravizadas. Para ela, mesmo que o interesse fosse a liberdade, as legislações beneficiaram (e ainda beneficiam) proprietários de pessoas mantidas pelo sistema escravista. Com o avançar do abolicionismo, não foram as pessoas prejudicadas que tiveram atendimento do estado e das instituições públicas, mas sim, aqueles que se beneficiaram com a escravidão. Para Bento,

O Brasil se preocupou em prover reparação aos proprietários de escravizados. Em 1871, por exemplo, foi publicada a Lei do Ventre Livre, libertando os filhos das mulheres escravizadas, mas colocando-os sob custódia do senhor, que deveria receber uma indenização do Estado quando a criança completasse oito anos, ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-a a trabalhar até os 21 anos (Bento, 2022, p. 33-34).

Assim, tal como Bento estabelece sua crítica ao sistema escravocrata e à reparação que buscou ampliar os benefícios de quem usufruiu da escravidão, coma literatura, Conceição Evaristo observa a fragilidade da legislação, ou até mesmo os interesses que trouxeram novas configurações à manutenção das relações raciais e excludentes no Brasil. Junto a isso, ao se referir ao trabalho exercido pela população infantojuvenil, a legislação serve como uma base para a institucionalização do trabalho exploratório exercido por crianças e adolescentes a partir do marcador social de raça, fator que ainda percorre a sociedade brasileira. Como destaca Bento, “[...] essa preocupação de determinados grupos europeus e seus descendentes no Brasil de proteger e fortalecer exclusivamente os interesses dos seus, manifestação do pacto narcísico, se evidencia repetidamente em nossa história (Bento, 2022, p. 34).

Assim, como resistência a esses vínculos, Conceição Evaristo estabelece críticas e materializa, por meio da narrativa, sua posição sobre os problemas sociais impostos pela escravidão, além de sinalizar para as reivindicações oriundas da população negra. Como efeitos das práticas de memória, da manutenção da oralidade como forma de conhecimento e construção de novos saberes, quando narra sobre o momento em que Ponciá volta ao vilarejo, a autora indica que,

Desde pequena, ouvia dizer, também, **que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros, como presente da libertação, eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele.** Alguns negros, quando o Coronel lhes doou as terras, **pediram-lhe que escrevesse o presente papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiam aqueles papéis por algum tempo, até que, um dia, o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação.** Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... **Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos, desde os passados tempos** (Evaristo, 2017, p. 54) (sem grifos no original).

Na narrativa são expostas as formas encontradas para reforçar as exclusões sociais da população negra, como tomar terras que haviam sido concedidas como uma pincelada de reparação diante de tamanha exclusão e violência sofrida. Contudo, o não reconhecimento de terras quilombolas e, as distintas disputas travadas para tomada delas, tal como usurpar a documentação que atribui posse por parte da população negra, a partir da trajetória de Ponciá Vicêncio foi possível perceber algumas das observações destacadas por Conceição Evaristo. Uma forma de falar sobre o assunto, de abrir as feridas da população negra que ainda vive os efeitos do racismo sustentado pelo sistema escravista. Com indica Bento,

[...] falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios (Bento, 2022, p. 25).

Como uma política de memória, a escrivência de Conceição Evaristo assume o compromisso de falar de histórias íntimas, familiares e dos seus por meio do romance que materializa seu pensamento. Tal como nos indica Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), no livro *Memórias do cativo*, para as autoras, “[...] de forma paralela, a construção de memórias coletivas se faz, necessariamente, como função de questões políticas e identitárias no tempo presente” (Rios; Mattos, 2005, p. 43). De tal maneira, eternizar essas memórias em escrita, sejam suas ou daquelas ouvidas entre os seus, serve para sangrar as feridas, mas, principalmente é um elemento fundamental para oportunizar a reparação histórica.

De tal maneira, como já destacado por Bento (2022), a memória não se faz apenas como ato de recordação, como construção simbólica é responsável pela constituição e reforço de vínculos em que as experiências do passado servem tanto para a manutenção desse vínculo como forma de questionar o passado, principalmente aquele em que o grupo estava excluído. Nesse sentido,

a memória serve como uma ligação, mas ao mesmo tempo como questionamento sobre o passado e presente e sobre a pretensão de mudança. Assim, a escrevivência de Conceição Evaristo provoca um rasgo temporal na escrita, na memória e nos efeitos do racismo e escravidão, nas condições da vida da população negra que transitava em meios rurais e urbanos em busca de melhores oportunidades e expectativas de futuro, em vidas possíveis de serem vividas, mas quase sempre arrancadas.

Tão comum a muitas mulheres negras que migraram, o trabalho exploratório doméstico foi muitas vezes a única alternativa. O medo de seguir para a cidade, devido a “[...] outros e outros casos de conhecidos que saíam do povoado a caminho da cidade e eram roubados na estação de chegada” (Evaristo, 2017, p. 33), por histórias como a de Maria Pina que, além da jornada de trabalho, é vista como objeto sexual fácil e teve seu dinheiro roubado pelo filho dos patrões. Sobre o caso, a autora demonstra como a voz da mulher negra é silenciada e motivo de suspeita pois, ao tratar sobre a posição da patroa de Maria Pina, “[...] quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse o filho à investida” (Evaristo, 2017, p. 84), já duvidar de seu filho seria algo imperdoável, mesmo que ele fosse o culpado. Ponciá teve trajetória semelhante, explorada em meio ao cotidiano de trabalho em que também morava, tal como nos indica Preta-Rara, sendo o quarto da empregada a senzala moderna. Juntando dinheiro, Ponciá, “[...] conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade” (EVARISTO, 2017, p. 41), reflexos do sistema de trabalho doméstico de exploração, em que também era pago com, “[...] umas sobras de roupa e de alimento para compensar um salário que não bastava” (Evaristo, 2017, p. 70). Esse assunto invade a narrativa de tantas outras histórias nas obras da autora, ao que é somada ainda a análise sobre outro destino de mulheres, a prostituição, o que será aprofundado a seguir.

Para os homens, a trajetória na cidade se fazia diferente, mesmo que não soubessem ler e/ou escrever. Ainda que não escapassem do racismo, Conceição Evaristo nos apresenta, através de suas histórias, as distinções entre homens e mulheres negras, a tal ponto que Ponciá Vicêncio, sua mãe e irmão acreditavam que na cidade todos eram iguais, pois viam o Soldado Nestor, por ser negro, como símbolo de igualdade e autoridade ocupando uma posição de poder. Entretanto, mesmo com a posição do homem, Conceição Evaristo não deixa de observar como o tempo age de forma distinta para aquelas pessoas marcadas pela raça, classe e gênero, principalmente.

Luandi estava na cidade fazia anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se

não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra, ou ainda, estocando alimentos nos armazéns da fazenda. Estava também na moenda da cana, na torrefação do café. Às vezes carreava bois e fazia cercas. Era pau-de-toda-obra. Sabia fazer de tudo. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também (Evaristo, 2017, p. 59)

A vida de Luandi não teve uma trajetória fácil. Entretanto, principalmente por Soldado Nestor ver Luandi como semelhante, em também ter vindo do campo com uma trajetória muito similar, contribuiu para que o homem fosse empregado e avançasse no emprego iniciado com a limpeza. Assim como a história de Luandi, as profissões assumidas pelos migrantes negros, em sua maioria, sustentavam a construção civil, como o trabalho exercido pelo marido de Ponciá, nada fácil, e que constantemente, como indica a autora, “[...] o homem de Ponciá estava cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, como o seu corpo, porejavam pó” (Evaristo, 2017, p. 19).

Junto a essas histórias, Conceição Evaristo expõe ainda outras relações exploratórias de trabalho assumidas pela população negra, tal como ao falar sobre Zé Moreira. Conforme a autora,

Zé Moreira que trabalhava na cozinha de um restaurante. Todos os dias ele trazia sobra de comida para casa. Um dia ou outro, trazia um pedaço de carne melhor, uma lata de óleo, um pacote de manteiga. A mulher sabia que ele estava arriscando, mas tudo chegava tão na hora, quando ela não estava precisando, sempre havia algum vizinho. O chefe da cozinha já estava desconfiando e avisou o patrão. Um dia, quando Zé Moreira ia saindo, pediram para ver a sacola dele. Não tinha sobra de comida apenas, tinha também uma lata de óleo e dois pacotes de manteiga. Zé Moreira foi levado à polícia para servir de exemplo para os outros (Evaristo, 2017, p. 71)

Por outro lado, a narrativa contribui para perceber todo o conjunto que envolve o pensamento social da autora. Não se trata apenas da dualidade de trabalho entre homens e mulheres, da exploração salarial experienciada por ambos e das alternativas para melhorar a renda, como o roubo, por exemplo. A atenção atribuída à história de Zé Moreira exhibe a complexidade da realidade, de mulheres que não podem sair para trabalhar fora por não terem, muitas vezes, com quem deixar os filhos, da falta de políticas públicas assistencialistas, principalmente para ensino, creche, dentre outras ausências de direitos que agem de forma intensa para reforçar aquela situação narrada. Assuntos que servem como fio condutor do pensamento de Ponciá, que a levam à possibilidade de voltar no tempo e passar por baixo do arco-íris, assim, transformada em homem, a vida poderia ser menos difícil. Uma situação que materializa como o racismo e demais exclusões sociais servem para desqualificar, desumanizar e retirar a

*Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 34, jan. - jun. 2024*  
ISSN: 1982 -193X

construção de possibilidades de futuro das pessoas, como a autora indica sobre as dúvidas geradas por Ponciá em ter aprendido a ler,

O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida (Evaristo, 2017, p. 72).

Nesse sentido, ao narrar a história de Ponciá, Conceição Evaristo permite que possamos compreender que os efeitos do racismo e desigualdade de classe, por exemplo, agem de forma violenta na vida de muitas pessoas. Junto à condução para as exclusões sociais enfrentadas, a desumanização das pessoas passa a agir de forma a desacreditarem em si mesmas, a perderem sua identidade, a desvincular seus laços de forma que seja reforçado o modelo excludente em vigor. E assim, tal como materializa seu pensamento na reflexão de Ponciá, “[...] a vida escrava continuava até os dias de hoje”.

### **Entre lavadeiras, domésticas e operários: memórias de trabalho**

A escrevivência de Conceição Evaristo nos serve como um grande conjunto de informações sobre um passado recente e ainda presente. Em *Becos da Memória*, por exemplo, podemos perceber como as relações de trabalho são constituídas e mantidas, desde a infância. Processo semelhante/igual ao da autora.

Conforme Janice Souza Cerqueira (2022);

Aos sete anos de idade, Conceição foi morar com sua tia Maria Filomena da Silva, irmã mais velha de sua mãe. Ela era casada com Antônio João da Silva, chamado carinhosamente de Tio Totó, e como não tinham filhos, podiam dividir o pouco que possuíam. Isso permitiu que Conceição tivesse mais oportunidade para estudar. Embora tenha desfrutado de melhores condições que seus irmãos, a menina trabalhava para ajudar a família a complementar a renda. Aos oito anos, surgiu seu primeiro emprego como doméstica, tarefa que era alternada com os cuidados com os irmãos e outras crianças da favela (Cerqueira, 2022, p. 144).

Assim, por meio de *Becos da Memória*, temos um convite a adentrar tanto em meio aos becos como as memórias e experiências da autora, de familiares, amigos, dos seus. Na obra, um passado que envolve as relações de trabalho no pós-abolição, mas em que nem todo o laço escravista havia sido rompido. Do juntar um pouco de dinheiro na roça e ir para a cidade, mas

que, dadas as condições, a faziam perder as esperanças, pois como destaca em Tio Totó e Maria-Velha, “[...] trabalho perdido Totó ter chegado são, salvo e sozinho à outra banda do rio. Trabalho perdido por ela ter saído da roça onde havia nascido com todos os seus irmãos e vir para a cidade buscar melhoria de vida” (EVARISTO, 2017, p. 142). Na cidade, a vida difícil se fazia ainda em torno do trabalho mal pago, seja de homens ou mulheres. Mulheres que se debruçaram em distintas atividades, tal como, “Maria-Velha e Joana encontraram no fogão, no tanque e nas casas das patroas modos de sobrevivência” (EVARISTO, 2017, p. 143), e que, mesmo com a vida difícil na roça, lembravam dela com certo conforto, que era melhor. Com o passar do tempo, o costume da vida na cidade servia como um processo de desumanizar, de marcar os corpos, os lugares, as relações por onde deveriam transitar. “Na cidade, como tudo era diferente! Maria ria para dentro. Joana, nem para dentro ria” (Evaristo, 2017, p. 143). E assim se constituía a vida imersa no trabalho exploratório que servia para a manutenção da precariedade. Uma vida movida para sobreviver, pois, “Maria-Velha sempre lavava roupa e buscava água em torneira públicas e Mãe Joana, apesar de tantas freguesas de roupa, faltava-lhe dinheiro, tinha tantos filhos ...” (Evaristo, 2017, p. 42).

Maria-Nova, tal como Conceição Evaristo, é uma menina que aprendeu cedo a trabalhar, a dividir as tarefas de casa com a mãe, tia, avó, a assumir o trabalho desempenhado pelas outras mulheres. Tal como expressa ao recordar sobre as memórias construídas nas torneiras públicas, essas que não eram apenas para brincadeira, pois, como destaca a autora,

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam no sol. Molambos nossos lavados com sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando (Evaristo, 2017, p. 16).

A rotina de trabalho era cansativa. Junto a ele, as condições impostas pelo valor miserável pago. A preferência em dar conta da roupa das patroas se fazia primeiro, principalmente por depender dali aquele pouco sustento que vinha, quase como o resto de sabão utilizado para lavar a própria roupa. Na inocência da menina, sem ainda descobrir o corpo, os lençóis menstruados estavam presentes. Enquanto menina, mesmo diante da rotina de trabalho doméstico e cuidado das crianças, era menos pesado quando se tinha férias escolares.

Ultimamente, Maria-Nova não saía da torneira, era tempo de férias. Época de aula, pelo menos uma parte do dia, podia ficar atrás do portão, que as pessoas passavam e

raramente lembravam que ela estava ali. Nas férias era um tormento! Maria-Nova ficava durante todo o dia lavando roupa ou buscando água (Evaristo, 2017, p. 43).

Como indica Arend (2012; 2020), as meninas das classes populares, desde a tenra idade, começaram a trabalhar, a exercer atividades profissionais que estavam sustentadas nas distinções de gênero. Como visto por Cerqueira (2022), e nas memórias e escrevivência de Conceição Evaristo, a autora, desde os oito anos de idade, trabalhou como empregada doméstica, assunto esse que, assim como já discutido em Arend (2012; 2020), perpassa a exploração do trabalho infantojuvenil, a ausência de direitos dentre outras questões sustentadas pela vulnerabilidade dessas pessoas. Maria-Nova, a menina que se assemelha com Conceição Evaristo, possui 13 anos e está em uma transição para a vida adulta. Em ambas as histórias, da autora e da obra, é demonstrado o interesse e investimento nos estudos como forma de melhorar de vida para uma abertura de possibilidades. Com base na narrativa, dois grandes pontos conduzem a perceber o pensamento da autora sobre o trabalho infantil e a escola. Primeiro, da escola como um espaço de direito e proteção. Maria-Nova, quando na escola, mesmo que nem tudo lhe agradasse, estaria protegida, recebia amparo, se afastaria do trabalho doméstico. Segundo, quando estava em período escolar tinha a carga horária de trabalho menor, o que de certo modo demonstra a dificuldade (ou impossibilidade) de ter que se ausentar da atividade. Por outro lado, a visão valorativa sobre o ensino permitia que a menina se utilizasse dele para escapar daquele trabalho, se possível para sempre.

A dinâmica de *Becos da Memória* perpassa a vida das pessoas e a extrema dependência de qualquer atividade de trabalho. Lavadeiras e empregadas domésticas ganham destaque, talvez por esse ter sido o trabalho desempenhado pelas mulheres da vida de Conceição Evaristo, como por ela própria desde os oito anos de idade. Quando não desempregados, operários, soldados, proprietários de pequenos botequins e armazéns, prostitutas, como Toinha, irmã de Ditinha, servem como exemplo para perceber as formas encontradas para sobreviver, diante da exploração, violências, salários injustos aos quais estavam submetidos dada a configuração social criticada por Conceição Evaristo.

Sobre a vida difícil das empregadas domésticas, foi na história de Dora e de Ditinha que Conceição Evaristo dedicou maior ênfase. Na primeira, a sexualidade e autonomia da personagem ganham destaque. Seja na busca por prazeres desde a adolescência, e mesmo por gostar de alguém, seja o espanhol ou Negro Alírio, a autora utiliza a personagem para demonstrar como a conquista de liberdade permitiria experimentar outros caminhos. Até mesmo que não

tivesse para onde ir com a desfavelização, não tinha alguém que a prendesse, principalmente para ela ter que cuidar. Contudo, a história da personagem instiga ainda a estabelecer outras críticas aos problemas sociais, tais como a sexualização do corpo de Dora. No trabalho, o corpo de Dora estava exposto entre sua liberdade e as investidas dos homens que transitavam por ali, a ponto de que o Espanhol, homem com quem passa a ter um relacionamento, cada vez que ele visita a família, serve de embasamento para refletirmos sobre as mais variadas exposições e violações a que muitas empregadas domésticas estão submetidas. Junto a isso, a exploração salarial contribuiria para manter aquela configuração social de dependência, pois garantir o mínimo serve para legitimar a exploração, tendo em vista que a mão de obra é de fácil descarte quando há muitos desempregados.

Essas discussões embasam o pensamento social da autora. O olhar crítico, sociológico e fundamentado por meio dos mais variados exemplos é materializado na história das personagens, que mesmo sujeitas a exploração, todas querem mudanças. Contudo, alguns se destacam com maior criticidade, como Negro Alírio, e foi de tanto ouvir as histórias dele, e a crítica que ele fazia à exploração social do trabalho e da vida das pessoas, que Dora começou a refletir que, “[...] ela, por exemplo, nunca havia pensado que os restos, que muitas vezes ganhava das patroas, eram o excesso dos que tinham muito e que esta sobra era construída justo em cima da falta ou do pouco dos que nada tinham” (Evaristo, 2017, p. 147). Com isso, temos novamente a oralidade como responsável pela constituição dos saberes, pela troca de experiências e construção das identidades coletivas. No caso em questão, principalmente para uma educação que contribui para resistência e reivindicação por uma vida mais justa.

Ainda em relação às empregadas domésticas, destaco novamente a história de Ditinha. Trago nesse momento a personagem para aprofundar a análise sobre as relações de trabalho. Entre idas e vindas, memórias que se somam a tantas histórias, na primeira vez que Ditinha aparece em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo narra que,

Ditinha olhava as joias da patroa e seus olhos reluziam mais que as pedras preciosas.

Continuava a arrumação do quarto, varria debaixo da cama, olhava o teto à procura de teias de aranha. Bonita aquela teia de aranha! Bem tecida. Um raio de sol batia nos finos trançados, fazendo-a brilhar que nem as jóias. Ditinha olhava a teia, a aranha e as jóias. Limpou a poeira dos armários, guardou os sapatos na sapateira, esticou cuidadosamente o lençol sobre a cama. Foi à gaveta, buscou o cobre-leito amarelo-ouro e acabou de arrumar a cama. Pensou nas jóias. ‘Será que eu gostaria de ter umas jóias dessas? Também, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinasse. E se tivesse vestidos e sapatos que combinasse, não saberia como arrumar meus cabelos.’

Olhou-se no espelho e sentiu-se feia, mais feia do que normalmente se sentia. ‘E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas jóias’ (Evaristo, 2017, p. 99).

[...]

Dona Laura entrou no quarto, pegou as jóias e colocou o colar no pescoço. Enfiava o anel e a pulseira. Experimentava, somente à noite é que seria a festa. Ditinha varreu novamente o chão, os restos da aranha. Queria olhar a patroa, que se admirava e ensaiava poses com as jóias, diante do espelho. Não pôde, a limpeza do quarto estava completa. Abaixou, pegou o lixo, a pá e a vassoura. Saiu, puxou a porta e começou a limpar o corredor.

Terminando o serviço diário, Ditinha tirou o avental, tomou um banho rápido, jantou e procurou o caminho de casa. Antes, a patroa, junto com ela, havia vistoriado toda a casa. Estava tudo um brinco! A casa reluzia! Ela elogiou o trabalho de Ditinha, gostava do trabalho da moça. Ela era esperta, fazia tudo como se mandava (EVARISTO, 2017, p. 100).

[...]

Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas pro ar depois da festa. Seriam tantas louças! Na certa sobriam doces e bolos. A patroa haveria de dividir com ela, com a cozinheira e com a babá. Traria pra a casa e seria a vez de os olhos dos filhos brilharem mais que qualquer joia. Ela seria um pouquinho feliz (Evaristo, 2017, p. 104).

O trecho em destaque levanta pontos interessantes que podem ser explorados para interrogarmos sobre as desigualdades sociais, principalmente para estabelecer um comparativo entre as marcações das distinções sociais objetificadas por meio da casa, roupas, acessórios e cores, que visam conduzir o/a leitor/a perceber os contrastes entre a vida na favela e a casa das patroas. Detalhes que investem até na luminosidade natural das casas, em que o sol faz brilhar ainda mais o ambiente de trabalho, quem dera o da casa da personagem. Já sabendo do desfecho da história de Ditinha, trago o fragmento em destaque neste momento para observar como a autora apresenta a personagem. Ditinha surge nas memórias da autora narrada como a empregada doméstica, tanto por sua sobrevivência em meio às condições da vida precária na favela e total dedicação ao trabalho exploratório que vive, como pela valorização da personagem, sendo o trabalho digno também uma forma de humanizá-la, em não qualificá-la como inferior devido à sua profissão. O processo de desumanização, da condição de sua vida na favela, da rotina de trabalho mal pago, e da percepção sobre a patroa como padrão de beleza, estão associados à colonização do eu, saber e ser, como marcadas da colonialidade (Maldonado-Torres, 2020). Ditinha perde sua identidade, não aceita sua estética corporal e é humilhada

constantemente, talvez até sem perceber, pela vigilância da patroa, pela vida que leva e, principalmente, pela baixa remuneração.

Juliana Cristina Teixeira (2021), ao discutir sobre o trabalho doméstico no Brasil e suas relações com o passado escravocrata, destaca que as configurações do trabalho doméstico, quando dissociadas da condição de direito trabalhista, contribuem para impor e reforçar um falso sentimento de pertencimento da família. Conforme a autora, a empregada está autorizada a circular em todos os cômodos da casa, porém, em determinados horários e com devidos fins. Com interações que muitas vezes perpassam relações afetuosas, contribui para reforçar o falso sentimento de pertencimento. Para Teixeira, “[...] o problema dessas contradições é que traduzir relações de trabalho em afetividade mascara relações de poder e desigualdades” (Teixeira, 2021, p. 41). Ditinha, mesmo com incômodo da realidade na favela comparado com a casa da patroa, está nessa situação. Caminhar pelos cômodos, tomar banho no trabalho e jantar.

Assim, ser quase da família tanto reforça sua condição na favela como mantém a posição de ambas as mulheres, uma como dominante e outra como dominada, sendo as sobras de comida uma moeda de troca que alimenta a falsa caridade (ou afetividade) imposta pela exploração do salário mal pago. O trabalho, se melhor remunerado, possibilitaria à personagem/mulheres melhorar de vida, sem ter uma condição precária e, assim, poder comprar o que comer sem depender do círculo que mantém a configuração social sustentada pela exploração salarial. Esse fator também é vivenciado pelos homens, como Jorge Balalaika, empregado como açougueiro, “[...] os sebos, os nervos, tudo que não se conseguia vender, e as carnes malcheirosas que sobravam, o dono do açougue repartia com os empregados” (Evaristo, 2017, p. 112), sendo essa a condição imposta, viver das sobras e desumanizar o sujeito cada vez mais.

Em relação à Ditinha, sua posição de subalternidade se amplia ainda mais. Com base na narrativa de Conceição Evaristo, o ato do roubo vinculado à posição social da patroa dá o direito à Dona Laura de ter atendimento policial privativo, autorizado pelo Estado a subir o morro em busca da joia roubada por Ditinha, a humilhá-la e colocá-la mais subalterna do que já estava, mesmo sem haver provas de que o roubo fora cometido por Ditinha.

Conforme os estudos de Teixeira (2021), a culpa sempre recai sobre a empregada doméstica, fator interligado aos discursos constituídos no Brasil sobre o negro e impostos às trabalhadoras domésticas, sendo reforçado principalmente pelos manuais de etiqueta para o trabalho

doméstico embasados pela eugenia (Teixeira, 2021). Assim, tanto Ditinha, como quando Ponciá Vicêncio foi roubada pelo filho da patroa, foram elas as primeiras acusadas pelo ato.

Assim como em Ponciá, as relações de trabalho são delineadas a partir das distinções desiguais de gênero, das mulheres que ocupam as atividades da limpeza e do cuidado como empregadas domésticas e lavadeiras, enquanto os homens estão naquelas que envolvem a força ou os negócios, como donos de botequins, portuários, açougueiros, operários e soldados. Junto a isso, com a escrevivência e memória dos seus, Conceição Evaristo sinaliza a movimentação do tempo em distintos contextos e eventos históricos, como a Segunda Guerra Mundial, Guerra da Tríplice Fronteira, Greve Portuária em Santos, década de 1970, do “Milagre Econômico” que não chegou a todos, a organização dos sindicatos, a desfavelização nos grandes centros, na década de 1980.

Em relação aos homens, Negro Alírio é apresentado pela autora como alguém bastante crítico às desigualdades sociais e às violações de direitos a que seu povo estava submetido. Segundo a autora,

Era ele quem os ajudava a decifrar os deveres. Assim foi na construção, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele sempre ganhava novos inimigos (Evaristo, 2017, p. 96).

Como indica Hooks (2017), a leitura, escrita e o ensino como um todo são basilares para provocar a transgressão à norma. Educar os companheiros de trabalho, os amigos, os seus, contribuiria para uma prática libertadora, desde o reconhecimento de si com o mundo até a condução para a construção de uma sociedade transformadora. Como um intelectual de seu grupo, Negro Alírio é esse sujeito ativo, como a autora brinca por meio de Maria-Nova, negro, nunca havia escutado a palavra negro vinda de um negro e que fosse valorativa, bonita. Assim o personagem movimenta-se em meio ao trabalho, aos becos da favela, e à medida do possível, investe na transmissão do conhecimento para libertar seu povo.

Esse é o pensamento social da autora sobre o ensino investido em Negro Alírio, assim como, em outro momento, com o avanço da desfavelização, em que se toma conhecimento a respeito da preocupação da personagem com as crianças conseguirem escola em período quebrado de ano letivo, pois, com base na narrativa, “[...] para ele, a leitura havia concorrido para a compreensão do mundo. Ele acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e

o que não estava, dava um passo muito importante para a sua libertação” (Evaristo, 2017, p. 146). Essa percepção é reforçada quando trata da condição de trabalho dos portuários, por exemplo, quando a autora se refere às reivindicações salariais no trabalho, “[...] os homens, os companheiros de cais, sabiam tudo de sindicato, de leis, direitos e deveres. Eram rudes e sábios. Eram fortes e não recuavam. Tinham consciência de suas forças” (Evaristo, 2017, p. 96). As mobilizações por meio da greve são uma forma de união para exigir mudanças. Contudo, a autora ainda destaca as consequências que poderiam ocorrer, pois, “[...] conseguiam incomodar, quando faziam greve, o Brasil inteiro. Só que sofriam represálias depois das greves” (Evaristo, 2017, p. 96). Entre essas represálias, Negro Alírio, que poderia ter carteira assinada, abriu mão de seu direito por temer perseguições em outros trabalhos, mas seguia firme no investimento em educação de seu povo para a mudança da realidade.

Em um comparativo às relações de trabalho no campo e na cidade, diferente de *Ponciá Vicêncio* que permite uma análise mais aprofundada, em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo observa as tentativas de sobrevivência, como o trabalho desempenhado na roça, em que homens, mulheres e os meninos ajudavam na produção de alimento que geralmente era utilizado para juntar algum dinheiro e ir até a cidade, na tentativa de mudar de vida. Como uma resistência ao sistema, a autora sinaliza ainda o uso do trabalho doméstico e de babás, exercido em sua maioria por mulheres negras, tal como já apontado a respeito da figura da Mãe Preta.

Por meio desse conjunto de elementos, a autora observa a passagem do tempo até o presente e, por meio da literatura, expõe críticas à manutenção das formas de dominação, da senzala-favela, repetida diversas vezes. É diante desse argumento, junto a investida no trabalho desenvolvido por muitas mulheres negras, como a continuidade da figura da Mãe Preta, que adentro à *Olhos D’água*.

### **Dos olhos, as águas; do corpo, a (sobre)vivência**

Na obra *Olhos D’água*, o conjunto de contos exhibe maior centralidade nas relações urbanas. Como visto em *Ponciá Vicêncio*, muitas vezes o sonho de muitas mulheres de melhorar de vida, indo até a cidade, tiveram suas esperanças presas por relações de trabalho doméstico exploratório, quando não a prostituição, tal como Biliza, namorada de Luandi, que fora assassinada antes de conseguir deixar a prostituição. Em *Becos da Memórias*, a prostituição é

mencionada em algumas passagens de personagens que se ausentam dos becos e, muitas vezes, aparecem ali para deixar algum dinheiro ou ajuda, tal como Toinha, irmã de Ditinha. Em *Olhos D'água*, o conto Duzu-Querença, tanto exhibe um olhar sobre o cotidiano da prostituição como permite perceber parte dos motivadores das entradas na atividade.

Quando Conceição Evaristo apresenta a travessia do campo para a cidade de Duzu, ainda menina, a autora indica que,

O Pai De Duzu Tinha Nos Atos A Marca Na Esperança. De Pescador Que Era, Sonhava Um Ofício Novo. Era Preciso Aprender Outros Meios De Trabalhar. Era Preciso Também Dar Outra Vida Para A Filha. Na Cidade Havia Senhoras Que Empregavam Meninas. Ela Podia Trabalhar E Estudar. Duzu Era Caprichosa E Tinha Cabeça Para Leitura. Um Dia Sua Filha Seria Pessoa De Muito Saber. E A Menina Tinha Sorte. Já Vinha No Rumo Certo. Uma Senhora Que Havia Arrumado Trabalho Para A Filha De Zé Nogueira Ia Encontrar Com Eles Na Capital (Evaristo, 2016, P. 32).

Por meio do olhar sobre a expectativa de futuro desejada pela menina Duzu, Conceição Evaristo permite analisar de forma crítica a exploração de trabalho infantojuvenil, bem como a exploração sexual de crianças e adolescentes. Como demonstra Arend (2020), o trabalho doméstico exercido por meninas envolve uma série de ausência de direitos e ainda abre espaço para muitas violências, dentre elas a sexual (Arend, 2020). No caso de Duzu, a menina e sua família foram iludidas. Duzu ficou presa na lavagem e limpeza dos quartos da zona, sem poder estudar. Foi no entrar-entrando que foi abusada, recebeu por isso, e dado o desejo de futuro a prendeu em uma condição exploratória e de violências. Como destaca a autora,

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos de mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (Evaristo, 2016, p. 34).

Como um desumanizar da vida, Duzu simboliza aquelas mulheres que tiveram a vida consumida pela prostituição pautada pela a dominação e controle de alguém. Sem garantia de futuro, sem poder livrar-se daquela condição, a menina que cresceu em meio à zona naturalizou a exploração, violências e assassinatos que existem em todas as zonas. Com gravidez indesejada, com muitos pais ausentes, filhos/as e netos/as se dispersaram e, como já destacado anteriormente, entre o fuçar das latas de lixo em busca de comida, quando envelheceu Duzu viu na neta Querença a esperança, o desejo de futuro que não pôde ter.

Ainda em relação aos filhos e ao trabalho, no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, destaco a atenção da autora em demonstrar a autonomia de uma adolescente de 14 anos de idade que busca não se prender a uma relação afetiva. Por conta disso, abandona seus namorados, assim como busca o aborto ou doação dos filhos que não pretende ter. Não quer a dependência, ter alguém que dependa dela, nem alguém que a controle. Contudo, foi na terceira gravidez que as coisas passaram a mudar.

Natalina, já adulta, trabalhava como empregada doméstica, a patroa não conseguia engravidar, não descartando a possibilidade de o marido ser o responsável por não poder ter filhos. A patroa propôs que Natalina engravidasse do patrão, usando a mulher como uma barriga de aluguel a ser paga. Sendo ambas negras, com tons de pele próximas, ninguém perceberia que a criança não haveria nascido da patroa. E assim foi, mas Natalina resolveu não cobrar nada pelo acordo. “Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso” (Evaristo, 2016, p. 47). E assim, “[...] a patroa de Natalina passou a viajar sozinha. O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto da empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer cometido” (Evaristo, 2016, p. 47). Passado algum tempo, Natalina engravidou, teve toda sua gravidez assistida com acompanhamento médico, alimentação adequada, roupas, descanso, tendo até uma empregada sido contratada para fazer o trabalho que até então era responsabilidade dela.

Esse conto nos permite explorar outras questões fundamentais para entendimento das relações sociais, tais como as configurações familiares, a autonomia das mulheres e a decisão sobre si e seu corpo. Contudo, destaco essa história neste momento por compreender que Conceição Evaristo envolve duas questões centrais nela. Primeiro, a condição das mulheres e a desnaturalização da maternidade. Segundo, a exploração das mulheres em meio ao espaço doméstico de trabalho.

No que corresponde à maternidade, a desnaturalização é apresentada como o poder de Natalina decidir sobre si e seu corpo. Contudo, essas não são as únicas questões que atravessam a narrativa. Natalina é filha de empregada doméstica, a mãe tem uma rotina de trabalho desgastante somada ao trabalho mal remunerado, fator esse que auxilia na compreensão das dificuldades da maternidade, principalmente quando se é pobre e negra. Em relação à exploração no trabalho, Natalina, quando adulta, vive na casa da patroa e, mesmo que demonstre o desinteresse de cobrar por ser a barriga de aluguel do casal, está exposta a uma

relação de dominação, às investidas do patrão para usar o corpo da mulher. Essa discussão serve como crítica à sexualização da mulher negra, que, desde a escravidão, as mulheres negras tanto da casa grande como das áreas urbanas eram utilizadas para satisfazer sexualmente aos seus senhores, tal como pode ser observado nas análises de Gonzalez, 2020 e de Teixeira, 2021. Assim, Natalina vai ganhando a configuração da figura da Mãe-Preta, uma visão doce do racismo e exploração do trabalho doméstico exercido por muitas mulheres durante a escravidão.

Teixeira (2021), ao refletir sobre a Mãe-Preta, destaca que,

A mulher negra que remete à mãe preta é considerada a trabalhadora doméstica ideal nos processos de seleção de trabalhadoras domésticas, além de sofrer mais intensamente com a solidão da mulher negra. Mesmo a ‘mulata tipo exportação’, magra e de corpo com curvas acentuadas, pode também ser alvo da solidão, pois recaem sobre ela construções culturais que a colocam como uma mulher com maior potencial de objetificação do corpo e inadequada para se casar (Teixeira, 2021, p. 61).

Nesse aspecto, a figura da Mãe-Preta já sinalizada em *Becos da Memória*, no momento da revolta da filha de Tio Totó, perpassa as relações de trabalho durante o sistema escravocrata para o pós-abolição, em que as observações da autora, por meio de suas personagens, exibem a continuidade e reconfiguração de relações de dominação em que a Mãe-Preta oscila entre a mulher ativa para o trabalho e a suavidade de cuidar dos filhos dos outros. Sobre a Mãe-Preta, Conceição Evaristo indica que,

A mãe-preta torna-se símbolo de uma abnegação total, dotada de uma bondade fora do comum, uma santa ou quase, que abdicava da função de mãe junto a seus filhos para cuidar dos filhos da casa-grande, como se tudo fosse fruto de uma escolha, e não da condição de pessoas escravizada (Evaristo, 2021, p. 35).

Diante da visão adocicada construída sobre a mãe-preta, como forma de manter a relação escravocrata ao longo do tempo, a posição de Conceição Evaristo sobre a mãe-preta reflete a narrativa de muitas personagens trabalhadoras domésticas e mães, que cuidam das atividades do trabalho, dos/as filhos/as dos patrões, mas não possuem tempo para dedicar-se ao cuidado, atenção, ou a quaisquer formas de lazer com os seus filhos. Tal como na foto, a “ama de leite” exposta acima, teve sua maternidade arrancada e substituída para cuidar de alguém que a mantinha sob a condição de escrava.

Assim, entre um misturar da exploração de trabalho precário em que a empregada doméstica figura como a continuidade das relações escravocratas, o quarto da empregada se desenha como a senzala para manter aquela forma de dominação. Como destaca Teixeira,

Durante um bom tempo no Brasil foi comum que as trabalhadoras domésticas residissem na casa dos patrões, repetindo o padrão das meninas que, desde cedo, iam morar nas casas em que trabalhavam, embora não fossem reconhecidas como trabalhadoras. Isso amplia as dinâmicas de violência, pois ficavam disponíveis a todo o momento para satisfazer as necessidades dos patrões. Mesmo com o início das relações assalariadas, algumas dinâmicas simbólicas do período escravocrata eram mantidas, como a divisão hierárquica da casa. Embora as empregadas pudessem ter acesso a todos os ambientes para trabalhar, esse acesso era restrito a determinados horários.

Em geral, seus quartos, pequenos, se encontravam próximos à cozinha. Quarto e banheiro se conjugavam no que se chamou de dependência de empregada – os famosos quartinhos –, algo ainda muito presente nas plantas de apartamentos e casas pelo Brasil, e nem sempre conformes às próprias normativas legais de salubridade (Teixeira, 2021, p. 40).

Dessa maneira, com base na narrativa de Conceição Evaristo, posso destacar que a escrevivência da autora adentra o cotidiano das relações de trabalho, os espaços constituídos socialmente com base na diferença desigual que atravessa as relações entre patrão e empregada doméstica. Sua observação é investida de um sentido para demonstrar aos/as leitores/as experiências de muitas mulheres e, ao mesmo tempo, exibir reconfigurações de trabalho excludentes que alimentam tantas outras desigualdades sociais que dependem da constituição do trabalho.

Escrito em 1991, Maria, terceiro conto da obra, em suas quatro páginas narra a história de uma trabalhadora doméstica que teve sua mão cortada por uma faca a laser e representa aquela empregada que não vive no quatinho da empregada mas, assim como muitas pessoas, dependem do transporte público para se deslocar até o trabalho, o que demanda tempo, às vezes muito, e dinheiro. Como observa e materializa a autora logo no início do conto,

Maria Estava Parada Há Mais De Meia Hora No Ponto De Ônibus. Estava Cansada De Esperar. Se A Distância Fosse Menor, Teria Ido A Pé. Era Preciso Mesmo Ir Se Acostumando Com A Caminhada. O Preço Da Passagem Estava Aumentando Tanto! Além Do Cansaço A Sacola Estava Pesada. (Evaristo, 2016, P. 39).

Com a ausência de auxílio para o transporte público, o deslocamento do trabalho para casa e vice-versa seriam um empecilho para conciliar ainda mais a situação na qual vivia, sendo a única a sustentar a família composta por ela e seus três filhos. Na sacola estavam alguns restos de comida, “[...] o osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (Evaristo, 2016, p. 39), junto de uma gorjeta que ganhara da patroa. Sendo essa a forma de reforçar a relação de Maria como quase da família, a esmola-doação-caridade serve como auxílio para a dominação

da patroa com os empregados, para justificar salário mal pago e a ausência do auxílio-transporte. Precariedade do trabalho, com a mão machucada com “[...] faca a laser corta até a vida” (Evaristo, 2016, p. 40), e sem assistência médica usa o tempo de espera do ônibus para pensar no que fazer com a gorjeta, se compraria remédio para o filho doente e uma lata de Toddy, já que existia a possibilidade de sobrar um troco, e aproveitaria as frutas que estavam em boas condições, incluindo o melão. “Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo, 2016, p. 40). Assim, elementos simbólicos da distinção social são enfatizados na narrativa da autora, tal como o nunca ter experimentado melão, sendo essa uma fruta considerada cara e de difícil acesso quando se tem que escolher o que se pode comprar, diante da emergência alimentar movida pela precariedade.

No ônibus, a mulher tem uma surpresa: “Maria viu, sem olhar, que era o pai do filho” (Evaristo, 2016, p. 40). Sentado no fundo da condução, levantou, pagou a passagem de Maria e se sentou ao lado dela,

Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? Cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tô sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros ... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois menores. E veja só, homens, também! Homens também! Com eles tudo haveria de ser diferente (Evaristo, 2016, p. 40).

Trago o trecho acima para refletir sobre dois pontos levantados pela autora. O primeiro, relacionado a Maria representar a trabalhadora doméstica, assim como muitas outras mulheres. Segundo, a solidão das mulheres. Ambas as questões possuem aproximação. Maria é uma mulher que tem pouco tempo para si, dedica tempo ao trabalho, transporte, filhos e filhos. Vive só com os meninos e não possui auxílio dos ex-companheiros, sendo os filhos criados como se fossem órfãos de pai, só que vivos. Nisso, mesmo que a personagem tenha sentimentos pelo pai do primeiro filho, é na solidão que sua vida é movida. Solidão de estar só, de não ter um companheiro para trocar sentimentos e também dividir as despesas da casa, o cuidado com os filhos e o trabalho doméstico. Maria é a dupla jornada de trabalho, da casa das patroas à sua.

Na continuidade da história, o homem se levanta, saca uma arma e assalta todas as pessoas, com exceção de Maria. “Se fossem outros assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas,

um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio no braço” (Evaristo, 2016, p. 41). Contudo, o alívio pela situação durou pouco, “[...] foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes” (Evaristo, 2016, p. 41), como destaca a autora, “Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto (Evaristo, 2016, p. 41).

Diante da agressão verbal, Conceição Evaristo utiliza a narrativa como forma de levantar críticas às violências que as mulheres sofrem. Utilizando o termo “puta” para xingamento, instiga a refletir sobre a acusação de uma mulher como fácil, que não possui valor moral nenhum, sendo essa a forma primeira de tentar desqualificar a mulher. Segundo, o sentimento de posse e poder dos homens, como se estivessem autorizados a expor e violar o corpo das mulheres. As observações de Gonzalez (2020) contribuem, ainda, para observar a crítica feita pela autora no que corresponde à sexualização da mulher negra, racismo e misoginia que movimentam as falas direcionadas à Maria. Em continuidade, a autora destaca que,

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros foram em direção à Maria (Evaristo, 2016, p.42) (grifos no original).

Maria é agredida verbalmente, tem seu corpo violado por ser mulher e negra. O sentimento de poder e autorização de seus agressores de violar a mulher está imersos na narrativa que poderia ter sido apenas uma ficção, mas que infelizmente se manifesta tanto no tempo da escrita da autora como no presente. A violação do corpo negro, sentimento de posse e sexualização da mulher negra são alimento para outras violências, sendo a voz da mulher negra não atendida, silenciada e colocada como atrevida quando se tenta tirar o seu direito de falar.

Mesmo com a possível tentativa de o motorista intervir por ver a mulher todos os dias no ônibus, de que ela “[...] está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (Evaristo, 2016, p. 42), a autora segue,

*Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortavam até a vida. Quando o ônibus parou esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (Evaristo, 2016, p. 42).

Assim, o conto de Maria serve como uma extensão do olhar de Conceição Evaristo para observar as relações de trabalho. Maria é a mulher que volta do trabalho, é explorada todos os dias devido a uma jornada de trabalho e ao salário precário. Sozinha, vive para os filhos e para driblar a fome. Enquanto mulher negra, está sujeita a outras violações, a ser xingada, exposta, violada, agredida a tal ponto de arrancarem sua vida. Contudo, a personagem não é a única, representa muitos brasileiros negros supostamente “confundidos” com criminosos. Guarda-chuva, martelo ou a simples mão no bolso servem como gatilhos para disparar balas que atravessam suas vidas, para agredir vidas que voltam do trabalho na tentativa de (sobre)viver e garantir a vida de seus/as filhos/as. Maria é essa empregada doméstica que não chega do trabalho, não iria chegar, pois haviam arrancado isso dela e dos filhos. Os meninos, repletos de desejos e de futuro, tardaram em experimentar o melão, em tentar lapidar a vida com um possível gosto doce da fruta.

### Considerações

Como dito no início deste texto, pretendeu-se ao longo desta observação atribuir destaque às relações de trabalho no âmbito doméstico experienciados pelos/as personagens, tendo em vista que esses são os que ganham maior destaque no conjunto da obra.

Junto a pontos já levantados ao longo deste texto, outras configurações de trabalho estão expostas, no livro *Olhos D'Água*, tal como no conto, “Lumbiá”, que usada história para apresentar outras formas de as crianças conseguirem dinheiro, sendo Lumbiá um vendedor de flores junto dos amigos. Contudo, a mesma história levanta críticas à vulnerabilidade de crianças pelas ruas, sendo Lumbiá morto por um acidente de carro. Outras formas de trabalho estão presentes na história de Cida, uma empresária, no conto “*O cooper de Cida*”, já destacado por sua rotina de trabalho demandar escolhas e solidão. O trabalho no supermercado desenvolvido por Kimbá, no conto “*Os amores de Kimbá*”. E, a busca por dinheiro rápido em

meio às atividades criminosas, como observado principalmente nos contos, “Ana-Davenga” e “A gente combinamos de não morrer”. Atividades domésticas perpassam quase todos os contos, como em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, sendo o trabalho da mãe da menina exibido como forma exploratória, principalmente pelo salário que mal colocava comida nas prateleiras.

Logo, por meio das obras selecionadas para esta análise, é possível afirmar que Conceição Evaristo utiliza sua escrevivência para expor as fragilidades da vida, das relações de trabalho, das configurações familiares, dos infortúnios da vida, mas como uma forma de lapidar a vida, de irrigar flores que vivem em meio às avenidas, becos e barracos. A autora, ao mesmo tempo em que nos convida a observar como são constituídas as formas de (re)existência, firma-se no pensamento social brasileiro de forma analítica e crítica, reivindicando seu lugar, dos seus e dos demais que ainda precisam resistir diariamente.

De tal maneira, como uma extensão de problemas do passado no presente, o pensamento social de Conceição Evaristo, para além da construção narrativa, nos levanta muitas contribuições para a compreensão das provocações levantadas pela autora e, de certa maneira são basilares para discussões em uma perspectiva histórica, assim como das possibilidades da literatura ser utilizada em sala de aula como fonte histórica ou metodologia de ensino, para levantar discussões, sejam elas para entendimento do passado ou de sua insistência no presente, assim como uma das vias para promoção do letramento racial crítico.

Para tanto, a investigação das narrativas que versam sobre as relações de trabalho permitiu percorrer principalmente o cotidiano de muitas trabalhadoras domésticas. Em um misturar de histórias que narram suas experiências como trabalhadora doméstica e de muitas outras mulheres amigas ou de sua família, Conceição Evaristo permite percorrer o íntimo das moradias e das casas em que trabalhavam. O lapidar da vida narrado pela autora é desafiado constantemente por salários injustos, os quais impõem a manutenção das relações sociais excludentes, de ter que cozinhar e da “[...] da panela subir cheiro algum”, marcando o brutalismo poético da escrita da autora e como uma das muitas formas construídas para poder encarar a vida e assim (re)existir.

Dessa forma, ao longo deste texto muitas brechas foram abertas. Talvez seja esse o interesse de Conceição Evaristo: estancar feridas que ainda doem no presente. Entre lapidações e dores da vida, desde 2021, quando iniciei a pesquisa, a narrativa de Conceição Evaristo se fez ainda mais

presente. Se na época havia identificado alguns assassinatos de crianças e adolescentes, recentes acontecimentos demonstram a emergência de políticas públicas de reparação histórica, da revisão da noção de polícia e serviço de segurança pública, da insegurança alimentar que ainda atravessa a vida de muitas pessoas, de tantos problemas sociais escancarados por Conceição Evaristo que fazem milhões de brasileiros sangrarem, e muito. Sua literatura é para isso, escancarar a ferida, mas cicatrizar sobre a expectativa para evitar futuros tais como os de Agatha; Miguel, João Pedro; Thiago; Eloah; Kauã Vitor; Leônidas Augusto; Luiz Antônio; Maria Alice; Rayane Lopes; João Vitor; Anna Carolina; Douglas Enzo; Italo Augusto; Emily Vitória; Rebeca Beatriz ...

## Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Epílogo. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.).

**História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. Coleção coordenada por Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 438-440.

AREND, Silvia Maria Fávero. “ROMPENDO O “SILÊNCIO”: Violências sexuais, infâncias e direitos (1989-2000). **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S. l.], v. 17, n. 29, p. 205–220, 2020. DOI: 10.18817/ot.v17i29.762. Disponível em:

[https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/762](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/762). Acesso em: 3 maio 2024.

AREND, Silvia Fávero. Meninas. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p.65-83.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

CERQUEIRA, Janice Souza. **Da literatura afro-brasileira à poesia afro-feminina de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

<http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102> Acesso em 20 de dezembro de 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

PRETA-RARA. **Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Belo Horizonte, Letramento, 2019.

**Nannies. Brazilian Full Short-Film**. EN. 2010. 20min. O documentário pode ser acessado em: [https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr\\_Y3Q&t=459s](https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr_Y3Q&t=459s).

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N; GROSGOUEL, Ramon (orgs.) **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2º ed. Belo Horizonte, Ed Autentica, p. 27-54, 2020.

MATTOS, Hebe; LUGÃO RIOS, Ana M. **Memórias do cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

PAULA, Elenice. **Da suavidade às histórias carregadas de pedras: a escrevivência como pensamento social brasileiro em Conceição Evaristo**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ZALUSKI, Jorge Luiz. Entrevista com a professora Ângela Figueiredo. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 14, n. 28, p. 6–19, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i28.12070.

Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12070> .

Acesso em: 3 maio 2024.

Recebido em 2024-05-14

Aprovado em 2024-06-13

Publicado em 2024- 07 -15